



Assembleia Municipal de Montijo

1ª Sessão Ordinária 2025/29

10 de dezembro de 2025

VOTO DE SAUDAÇÃO

50 ANOS DO 25 DE NOVEMBRO DE 1975

No passado dia 25, comemorou-se o 50º aniversário do 25 novembro de 1975, o movimento militar que conteve e venceu a ala radical do Movimento das Forças Armadas, apoiada pelo partido comunista e pela extrema-esquerda, e que determinou a natureza pluralista e democrática do atual regime político português, assim como a consolidação do processo democrático iniciado em 25 de Abril de 1974.

O 25 de Abril de 1974 abriu as portas para a instauração de um regime democrático em Portugal. Mas o período que se começou a viver logo a seguir, conhecido como PREC (Processo Revolucionário Em Curso), rapidamente demonstrou que não estavam todos a lutar do mesmo lado ou pela mesma causa. À medida que o tempo passava, tornou-se claro que, se dependesse de alguns, o novo regime a instaurar em Portugal seria uma “Democracia” do tipo popular, a exemplo daquelas que existiam na União Soviética e em Cuba.

De um lado estava a esquerda militar, influenciada pela extrema-esquerda e pelos comunistas, dividida entre "gonçalvistas" e “otelistas”, uns próximos do ex-primeiro-ministro Vasco Gonçalves e do Partido Comunista, e os outros ("otelistas"), apoiantes do estratega do 25 de Abril e chefe do COPCON (Comando Operacional do Continente), e mais adeptos da "via revolucionária". Do outro lado, estavam os "moderados", congregando militares e forças políticas à direita do PCP, incluindo o PS de Mário Soares e o PPD/PSD de Sá Carneiro, que acabaram por ter o aval do Presidente da República General Costa Gomes.

O “25 de novembro”, ato singular e de grande importância da nossa história recente e nas nossas vidas atuais, assim como na real pluralidade democrática que temos nesta assembleia municipal do Montijo, independentemente das nossas divergências políticas, o que é um dos melhores legados da consolidação do regime Democrático que resulta do 25 de Novembro de 1975, que marcou indelevelmente o fim da transição revolucionária, mas também e principalmente, foi o travão à iminente guerra civil para onde Portugal caminhava a passos largos, apenas um ano e meio depois do 25 de Abril de 1974, onde no dito Verão Quente, iniciado em julho de 1975, a Norte do país as



bombas destruíam sedes do Partido Comunista, mas também os comícios dos partidos de direita eram cercados e apedrejados pela extrema esquerda e pelos comunistas. Como exemplo deste facto, Zita Seabra, então alta dirigente dos comunistas, afirmou recentemente que no 25 de novembro, o partido comunista estava preparado para distribuir armas pelo povo, e portanto, a chacina popular e o início da guerra civil, à imagem da guerra civil espanhola, esteve por um triz para acontecer.

Esta escolha pela verdadeira democracia e pelo travão ao abismo da guerra civil, teve responsáveis militares, como o Grupo dos Nove e a maioria dos Capitães de Abril. Assim como teve responsáveis políticos, como Mário Soares (o então grande adversário político de Alvaro Cunhal), Francisco Sá Carneiro e outros. De entre os protagonistas militares, destacaram-se Melo Antunes, Vasco Lourenço, Jaime Neves, António Ramalho Eanes e várias unidades da Região Militar de Lisboa, com especial destaque para o Regimento de Comandos da Amadora, que souberam ao longo do tempo, permanecer fiéis aos valores que estiveram na origem do 25 de Abril.

Enquanto o 25 de Abril de 1974, foi um golpe estritamente militar, consequência do justificado descontentamento de muitas chefias militares, em virtude das condições na frente de combate e da longevidade da guerra nas ex-colónias portuguesas em África, o 25 de novembro de 1975, foi a tentativa de um golpe político comunista, usando parte das forças militares radicalizadas do MFA. A prova disto mesmo, foi dada por Alvaro Cunhal, que sempre afirmou ao Presidente da República General Costa Gomes, que o partido comunista nada tinha a ver com os militares revoltosos, mentiu, pois como está descrito no seu discurso no comício de 07/12/1975 no Campo Pequeno, em que de Alvaro Cunhal começou por dizer “Camaradas Perdemos”.

Esta é a razão, pela qual os políticos anti democráticos do partido comunista e da extrema esquerda, não celebram a sua própria derrota, esquecendo que a sua derrota foi a vitória da vontade democrática da maioria do Povo Português, como se veio a confirmar nas eleições legislativas que se seguiram em 25 de abril de 1976.

Esta intolerância para celebrar os 25 de novembro de 1975, dos comunistas e da extrema-esquerda, reduzidos atualmente a uma ínfima minoria no País, não deve impedir Portugal e os Portugueses, de celebrarem as datas históricas que representam a nossa Identidade única, insubstituível e irreparável, que orgulha todos os Portugueses Patriotas.

Este nobre e sábio povo português, soube não sucumbir às manobras táticas e estratégicas de uma franja minoritária e radical da sociedade portuguesa, evitando a guerra civil e conseguindo com firmeza, após romper com uma ditadura de mais de 40 anos, escolher um caminho diferente, que nos salvou de um novo regime autoritário em Portugal, desta vez comunista.



Conscientes de que a democracia, para além de não ser um direito adquirido, também não pode ser o antro de corrupção, de conflitos de interesse e de compadrio em que se tornou nos últimos anos, exortamos todos os partidos e todos os políticos verdadeiramente democratas, na missão de afastar todos aqueles que em Liberdade, não respeitam a democracia pluralista que o 25 de Abril prometeu e o que 25 de Novembro deu aos portugueses.

É sob o desígnio desta unidade feita pela história que celebramos, uma vez mais, o dia que evitou uma guerra civil e garantiu o caminho pacífico e democrático do nosso povo.

Assim, o Grupo Municipal do CHEGA propõe à Assembleia Municipal do Montijo, reunida a 10 de dezembro de 2025, que delibere aprovar:

Um voto de saudação dedicado a todos aqueles que, em 25 de novembro de 1975, colocaram novamente Portugal na senda da democracia pluralista e da Liberdade, iniciada a 25 de Abril de 1974. Assim como, dar solene testemunho da nossa gratidão a todos os que nesta data souberam, com notável aprumo militar e grande coragem e rigor moral, cumprir o seu dever, bem como prestar comovida homenagem àqueles que neste dia tombaram em defesa da democracia.

Os eleitos do Partido CHEGA, na Assembleia Municipal do Montijo

Carlos Ferreira	Diogo Godinho
Joana Vasconcelos	Luis Soares
Aline Faria Sousa	Sandro Santos
	Pedro Araújo